

O AUTORRETRATO NA SALA DE AULA: Práticas de educação antirracista na infância.

BIANCA TRINDADE
UFRRJ
biaartes@yahoo.com.br

[...] uma palavra escrita não pode
nunca ser apagada. Carolina Maria de Jesus (1960)

RESUMO

Encontramos no caminho com Carolina Maria de Jesus, quando afirma que “uma palavra escrita não pode nunca ser apagada”. As nossas escritas pretas, por mais que sejam sufocadas pela supremacia branca, elas sempre carregam enunciação e fulgem em práticas que desdobram-se em lutas e resistências aos processos de dominações existentes. Este artigo explora algumas experiências obtidas na pesquisa de Doutorado em Educação, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É fruto de investigações com as crianças (04 anos) da Educação Infantil, estudantes do CIEP Municipal do Rio de Janeiro. Este estudo representa uma contribuição na educação para as relações étnico-raciais na infância através do ensino das Artes Visuais. As propostas que serão registradas neste trabalho, são práticas de educação antirracistas na infância, trata-se de uma importante contribuição para os estudos sobre relações étnico-raciais. Estudar essa temática com as crianças é uma tarefa muito complexa e desafiadora, que inspira curiosidade, paciência, descoberta, partilha, afinal precisamos engenho, brincar, criar, (...) e propor práticas pedagógicas que colaborem com uma educação antirracista na escola. Por isso, pensamos a metodologia do autorretrato. Criando oportunidades para que a criança fale e perceba-se e reconheça os seus pares, isso ajuda a avançar nas suas aprendizagens sobre identidade e raça. A nossa luta consiste no desafio da superação do racismo na infância. Esse que se constitui um grave problema na sociedade contemporânea e pode promover ideologia e/ou comportamento que envolve toda uma ação preconceituosa. Nesse cenário é importante que tenhamos repertórios para lidar com esse problema tão complexo que é falar sobre o racismo, principalmente na Educação Infantil.

Palavras-chave: Autorretrato; racismo; Educação Infantil; Educação antirracista.

Revisitando alguns momentos dessa jornada com as crianças.

Este artigo representa uma contribuição no **CONGRESSO SER NEGRA**. Para início de conversa acredito ser importante ressaltar que o presente estudo acadêmico foi realizado na conjuntura do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da UFRRJ e de estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Afrosin (Afroperspectivas, Saberes e Infâncias), uma instância acadêmica devidamente registrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e, sediada na (UFRRJ), sob a orientação do Dr. Renato Noguera, o trabalho de Dissertação intitulado: “Artes, Saberes e Fazeres na Educação Infantil: Educando para as Relações Étnico-raciais?”. Na qual tivemos como objetivos verificar a existência do racismo na infância, e tornar visíveis experiências e aprendizagens através das oficinas de Arte, a partir da Lei 10.639/2003, que tornar obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas.

Nosso intuito foi provocativo no sentido da reflexão e investigação sobre o racismo na infância. É possível perceber o racismo na Educação Infantil? Conhecer quem são essas crianças? , Como são vistas e olhadas, as crianças negras? Seriam elas discriminadas na infância? Para responder tais questionamentos ancoramos nossa pesquisa em referenciais teóricos, pesquisadores como Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Nunes (2015), Noguera (2017), Ana Mae (2010), Iavelberg (2013), entre outros autores. Estes questionamentos é que nos mobilizam, pensamos na valorização da diversidade e o tema debatido é preocupante, necessário que esteja presente na proposta pedagógica das escolas de Educação Infantil e faça parte de todo currículo educacional.

Nesse sentido, foi necessário pensar em alguns caminhos, que nos ajudassem a garantir, na prática escolar, o conhecimento dessas questões racial na infância, principalmente, para desvelar o silêncio e combater esse problema presentes nas salas de aula. Como aponta a Sociologia da Infância, reconhecemos que as crianças são atores sociais. E com isso, estruturamos esse estudo numa prática artística e filosófica, pensando em uma proposta de educação mais democrática para a construção de uma nova escola. Por isso, a partir das interações estabelecidas com as crianças na pesquisa de campo, valorizamos a escuta infantil e as suas narrativas que se constituíram um momento

sensível e inesquecível, muito relevante nesse estudo. Escrevo sobre essas impressões para que possamos debater mais sobre as percepções e experiências das crianças sobre relações étnico-raciais na Educação Infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI):

A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, atendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. ” (LDB título V, capítulo II, seção II, art. 29 – Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013 . p. 11 , vol.1).

Pensamos que a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para a autonomia crítica das crianças. “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. (LARROSA, 2002, p. 27). Essa apropriação se dá por vários meios, seja pela forma ao buscar as lembranças de um tempo vivido neste contexto são momentos permitidos neste trabalho, esses podem ser constituídos de experiências, subjetividades e conhecimentos múltiplos. Com isso, as memórias não se limitam, e podem estar ligadas às escolhas individuais e condicionadas aos momentos tocantes, que desfavorecem o esquecimento.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (LARROSA, 2002, p. 21).

Concordamos com Larrosa (2002), que as experiências surgem a cada momento e em cada acontecimento, somos submergidos, quando essas nos tocam. Elas podem externalizar em outros momentos, ao rememorar algumas dessas experiências, durante uma das jornadas de trabalho, no pré-escolar. Lembro-me dessa expressão: “Tia, se eu der a mão a ele, vou me sujar!”, num primeiro instante, fiquei perplexa ao ouvir isto, de uma criança de 04 anos, a tensão tomou conta da situação. Mas ao mesmo tempo percebemos que essa questão racial, precisava ser tratada na instituição. E ao relembrar

este momento marcante, confesso que este foi decisivo para que o meu interesse em pesquisar o racismo no contexto escolar da educação infantil. Compartilho esse momento com você leitor... (Arquivo pessoal, 2017)

Numa turma da Educação Infantil, de crianças de 04 anos, na aula de Artes Visuais, e por alguns momentos na sala de aula, como de costumes começamos uma brincadeira, um brinquedo cantado com a turma, ao qual teríamos de dar as mãos. E um dos alunos da turma recusou-se a dar as mãos ao colega, um menino branco melhor dizendo, não quis dar as mãos ao menino negro. A professora da turma presenciou este momento, pois já havia voltado, mas não mediu à situação. E permitiu que a brincadeira continuasse. “Licença só um momento!” Neste instante, paro e pergunto ao menino: “Por que não dá a mão ao colega?” Esse respondeu: “Tia se eu der a mão à ele, vou me sujar.” O quê? – (ainda, muito chocada com as palavras daquela criança de 04 anos), não acreditando naquela situação. Respondi: _ Me dá a mão aqui! E o menino rapidamente, acatou a minha ordem. E me deu a mão. (Percebo desta forma, pois naquele momento ele me olha espantado). E eu logo o perguntei: “Olhe, as suas mãos estão sujas?” Ele respondeu: “Não.” Então, falei: “Eu sou preta também, igual ao seu colega. Então se tocar nele, também não irá se sujar.” Neste momento a professora da turma, que presenciou tudo. Intiveio no diálogo e disse-me: “Deixa ele professora, ele está brincando.” E sorriu. E o menino branco sorriu aliviado, e o menino negro, ofendido, abaixou a cabeça e não quis mais brincar. (Caderno de campo – Bianca Trindade, 2017, p.24)

Dessa maneira, senti necessidade de escrever mais sobre esta questão, visto que, fui tomada por desilusões e receios por essas palavras que me atravessaram o coração. E pensamos o quanto o racismo pode ser cruel, põe em risco o desenvolvimento da criança negra. Percebemos a importância de ações dos/as educadores/as no combate a desigualdades na educação infantil, afinal o racismo se faz presente nas escolas e nas relações sociais, habita entre as nossas crianças. Segundo Munanga (2005), “a violência racial escolar atenta contra o presente, deforma o passado e corrói o futuro.” (MUNANGA, 2005, p.13). Acreditamos que dinâmica do racismo e a exclusão das crianças pretas sempre existiram, e por isso, o enfrentamento ao racismo se faz necessário, vemos que esse problema, mostrasse modificado contemporaneamente e ocorre no contexto de ensino infantil, melhor dizendo, como em toda Educação Básica.

É importante ressaltar que essa pesquisa com as crianças foi desenvolvida na escola ao qual trabalho, nos anos de 2017/2019, Portanto no procedimento metodológico

se destaca à escuta das crianças e o autorretrato. Numa abordagem qualitativa, no qual a coleta de dados e as narrativas das crianças se destacam neste trabalho, entretanto nessas escutas atentas, percebemos a presença de discriminação e preconceitos, em algumas narrativas e cenas que foram expressas pelas crianças do grupo focal que foram marcantes: “cabelo duro”, “neguinho”, “nego preto”, “nega feia”, “macaquinho”, vimos que essas ofensas racistas faziam (fazem) parte do cotidiano escolar. Deixamos claro que, de maneira nenhuma pretendemos aqui neste estudo julgar as atitudes das crianças, mas o nosso maior interesse é demonstrar a existência do preconceito racial no meio infantil para repensarmos o enfrentamento do racismo.

Os protagonistas envolvidos são 25 crianças pequenas do pré-escolar, da turma E.I.- 41, do CIEP Municipal, na instituição onde trabalho como professora de Artes Visuais. A escola está estruturada com turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ao 6º ano (Experimental).

Como já foi supracitado no texto “uma pesquisa mais aprofundada nos ajudaria a perceber se é mesmo nesta idade que as crianças começam a tomar ciência do assunto ou apenas quando são envolvidas em processos de aprendizagem é que elas atentam para estas diferenças” (NUNES, 2016, p.36). Com este trabalho, acredito que possamos contribuir para um debate sobre o racismo nas escolas da infância, ajudando a pensar neste problema tão presente em nossa sociedade, para isso, trouxemos as vozes das crianças sobre esta questão.

QUEM SOU EU? - relatando experiências.

“O autorretrato é o espelho do artista. Ali se reflete a própria imagem, assim como a imagem da arte e de um determinado contexto em que a obra se inscreve.” (CANTON,2001)

A tarefa seria essa, se olhar ao espelho e desenhar -se. Entrego o lápis cada um vai fazendo o seu desenho. E observo o quanto eles sempre querem fazer mais e com alegria. Pedimos somente que desenhassem os seus rostos, mas a maioria das crianças preferiram fazer o desenho do corpo todo. Percebemos o quanto as crianças se jogam por inteiro em qualquer atividade.

“Quem sou eu? Eu sou quem?” Peço a eles para refletirem e ao fazer o seu Autorretrato. Heitor, logo após, olhar-se no espelho o menino, e fazer o seu autorretrato, rapidamente me chamou, e olha para sua obra e diz:

_ Olha tia, já acabei! “Eu, sou um negro lindo!” (Heitor)

_ Que lindo Heitor! (Pesquisadora)

Saí daquela mesa, e fui visitar outras mesas olhar os demais trabalhos. Nesse momento, o menino H., correu e pegou um giz de cera, escolheu a cor e pintou o seu trabalho. Correu ao meu encontro e disse:

_ Tia Bianca, acabei agora. (Fala H.)

_ “Peraí, tia faltou a coroa, eu sou um príncipe!” (Diz Heitor)

FIGURA 13 - O autorretrato do Heitor



Arquivo pessoal, 2022.

O menino desenhou uma coroa sobre a sua cabeça, como mostra no desenho acima. E como já supracitado, fiquei surpreendida com as palavras do menino e fiquei muito maravilhada por ele usar essas referências.

O abracei e respondi:

_ Você é realmente um príncipe, muito lindo!

CONCLUSÃO

Acreditamos muito nesta proposta, e vimos no autorretrato uma importante ferramenta artística, e um aprendizado riquíssimo no qual as crianças necessariamente terão através da identificação étnico-racial. Por isso, evidencio este momento uma prática docente da minha vivência como arte - educadora que acredito ser inerente ao estudo e bem relevante, e que de algum modo foi uma grande influencia para que esse diálogo possa existir, provocar reflexões e influenciar outros educadores que assim como nós, lutam para a desconstrução do racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: _____. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. UNESC, Criciúma, v. 5, nº1, janeiro/Junho 2016. Criar Educação – PPGE – UNESC.

AGOSTINHO, K. A Educação Infantil com a participação das crianças: algumas reflexões, Da Investigação às Práticas. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, 2015.

_____. O espaço da creche: que lugar é este? 2003. 170 folhas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

_____. Formas de participação em contextos sócio-educativos pré-escolares. Projeto CNPq. 2005. 25 pp.

_____. Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas. Caxambú: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, p.15, 2008.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARENHART, D. Culturas infantis e desigualdades sociais: questões de geração e classe social em duas escolas cariocas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

ASANTE, M. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa: uma abordagem epistemológica inovadora. LARKIN, C. A. M. (trad.) Afrocentricidade. São Paulo: Selo Negro, 2009. ARBOSA, A. M. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. 34ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

_____. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENTO, M. A. S. A identidade racial em crianças pequenas. In.: BENTO, M. A. S. (org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades CEERT, 2012.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 9ª ed. Brasília: Edições Câmara. p. 07. Série legislação; n. 83, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil/ MEC/SECADI, UFSCar. 2014. p.15.

_____. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Art.26-A.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. - Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. (p.15)

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF.

_____. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília. 2004.

_____. (2009c). Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Conselho nacional de educação câmara de educação básica resolução, nº 5, de 17 de dezembro.

_____. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: Acesso em: 15 jun. 2020.

BUORO, A. B. O Olhar em Construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola, 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar, ao silêncio da escola. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

_____. (Org.). Racismo e Anti-Racismo na Educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 1998.

MUNANGA, K. “As facetas de um racismo silencioso”. In: Raça e diversidade. SCHWARCZ, L. M.; QUEIRÓS, R. S. (org.). São Paulo, EDUSP, 1996.

_____. Superando o racismo na escola. 2 ed. MEC/Secad, 2005.

_____. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: Racismo I. Revista USP/Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, (dez/jan/fev 2005-2006). São Paulo: USP, CCS, 2005-2006, p. 46-57.

_____. Aula expositiva dada pelo professor Kabengele Munanga no curso de Pós-Graduação na faculdade de Antropologia/USP, 2º semestre de 1996.

NOGUERA, R. Sobre Afroperspectivismo. Ensaios Filosóficos (*entrevista*). Volume X, Rio de Janeiro, Revista de Filosofia Campus Francisco Negrão de Lima Pavilhão João Lyra Filho dezembro de 2014.

_____. Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância. Anais do Congresso de Estudos da Infância: Diálogos Contemporâneos, Rio de Janeiro: UERJ, 2017b, pp. 363-370.

NUNES, M. D. F. Cadê as crianças negras que estão aqui?: O racismo (não) comeu. Alagoas: Latitude (UFAL), v. 10, p. 383-424, 2016.

_____. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 413-440, 2015. ISSN 1982-7199
|. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991115>. Acesso: 20/07/2020

TRINDADE, B.; NOGUERA, R. As Crianças e as Artes Visuais: O Autorretrato e a Identidade Racial na Educação: Capítulo: 4 Atena Editora, (Janeiro, 2019). – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.2)

TRINIDAD, C. T. Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2011.

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação /PPGEduc–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)– Mestra em Educação –UFRRJ. Especialista em Diversidade Étnico-racial e Educação Superior a Brasileira– UFRRJ. Pós-graduada em Artes Visuais/ EAD – Colégio Pedro II. Graduada em Pedagogia. Licenciatura pela UNIABEU. Graduada em Artes Plásticas – UNIVERSO. Membro do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Pesquisadora / Grupo de Pesquisa Afrosin–UFRRJ.